

Impresso: ESTADO DE MINAS - MG**Editoria: COVID-19****Veiculação: 18/07/2020****Assunto: SINDICATO DOS MÉDICOS DE MINAS****GERAIS****Município/Estado: BELO HORIZONTE / MG****Tipo: Matéria****Página: 05**

Transmissão cai, mas BH segue em alerta vermelho

Taxa de propagação do coronavírus é a menor na capital desde maio. Entretanto, alta ocupação de leitos ainda impede abertura do comércio

O preocupante aumento no número de casos de COVID-19 em junho fez a prefeitura de Belo Horizonte dar um passo atrás no processo de reabertura do comércio e adotar novamente normas rígidas de isolamento social. Desde o último dia 29, apenas serviços considerados essenciais podem funcionar. Quase três semanas depois, a medida se mostrou eficiente para conter a disseminação desenfreada do novo coronavírus. Ontem, a prefeitura divulgou uma boa notícia: a capital mineira registrou a menor taxa de transmissão desde maio.

Segundo cálculos dos especialistas do Comitê de Enfrentamento à Epidemia da COVID-19, o índice médio de transmissão por infectado (Rt) de BH na última quarta-feira (17) foi 1,00. Isso significa que cada paciente propaga o vírus para uma pessoa. Na prática, há uma estabilização na quantidade de novos casos confirmados diariamente e um alívio na demanda por hospitalizações. Esse é o número mais baixo registrado pela cidade desde 11 de maio, quando o índice esteve em 0,99. Na ocasião, o processo de reabertura do comércio considerado não essencial - que foi implantado e suspenso depois - nem havia começado.

Embora desperte esperança de que as próximas semanas serão menos conturbadas, o Rt de Belo Horizonte ainda não está no patamar ideal. É preciso que o índice caia para menos de 1,00. Nesse cenário, haveria uma diminuição sustentada na disseminação do vírus e, posteriormente, uma redução significativa na necessidade de internações. "Houve queda nos casos confirmados, e isso foi devido ao isolamento, (com o fechamento do comércio) no dia 29. É um bom sinal, mas não é o momento de relaxar", avalia o pesquisador da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e integrante do comitê da PBH, UnaiTupinambás.

Mesmo com o Rt em queda, a quantidade de infectados ainda é alta. Segundo boletim epidemiológico publicado ontem, BH tem 13.700 casos confirmados de COVID-19, dos quais 329 resultaram em mortes. São ainda 10.308 recuperados, enquanto 3.063 continuam em acompanhamento médico. "O que os dados dos últimos sete dias revelam é que houve uma estabilização, contudo, gerando novos casos no nível mais alto de contaminação desde o início da pandemia. Dessa forma, o mais seguro é continuarmos na fase de controle para avaliação ao longo da próxima semana", avaliou o secretário municipal de Saúde, Jackson Machado Pinto.

"Cautela" é a palavra de ordem. Afinal, o Rt não pode ser analisado isoladamente. No processo de tomada de decisão, o prefeito Alexandre Kalil (PSD) e os especialistas também avaliam as taxas de ocupação de Unidades de Terapia Intensiva (UTIs) e de leitos de enfermaria específicos para pacientes com COVID-19 na rede pública de saúde. Na quinta-feira, esses índices estavam no nível mais crítico (acima de 70%), com 88% e 75% das vagas preenchidas, respectivamente, de acordo com dados divulgados ontem. A expectativa é que os números apresentem uma queda mais sustentada a partir da próxima semana.

"A ocupação de UTIs continua alta, mas esses casos que estão graves agora se contaminaram há mais tempo. Então, vai demorar a ter impacto na ocupação de UTIs. Talvez no meio da semana que vem, a gente espera, a ocupação comece a cair", projetou UnaiTupinambás. Segundo o pesquisador, ainda não é o momento de estipular datas para a reabertura do comércio. "Temos que manter a queda dos casos durante pelo menos três semanas para daí começar a pensar nas formas de sair do isolamento", completou.

MÉDICOS Uma pelo **Sindicato dos Médicos de Minas Gerais (Sinmed/MG)** classificou como "crítica" a situação da ocupação dos leitos UTI na cidade, considerando, inclusive, os da rede particular, "com mais de 80% das vagas preenchidas". O **Sinmed/MG** avalia que praticamente 100% dos leitos da rede pública da capital estão ocupados, uma vez que aqueles que estão disponíveis passam por processo de desinfecção e preparo entre a saída de um paciente e a entrada de um segundo que aguarda a vaga. Enquanto esta última etapa acontece, de acordo com a categoria, a utilização das vagas é inviabilizada.

A categoria também destacou que, para a criação de um leito de UTI, são demandados equipamentos, medicamentos e cerca de seis profissionais capacitados por unidade. "Sem acesso à terapia intensiva, o risco de morrer de COVID-19 é duas vezes maior, e cada dia à espera de uma vaga de UTI em uma sala de emergência (UPA Pronto Socorro) aumenta muito a gravidade e a mortalidade da doença", diz a nota. A Secretária de Saúde não comentou o texto.